

AÇÃO PASTORAL NO SEMIÁRIDO NORDESTINO

VERALUCIA ALCANTARA BORGES DOS SANTOS¹

Resumo

Este artigo tem por finalidade abordar a ação pastoral no semiárido nordestino, a partir da construção da Barragem de Sobradinho e os impactos econômico, social, cultural e ambiental que afetaram as comunidades ribeirinhas, considerando as transformações sociopolíticas da Igreja Católica, sobretudo, a partir do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais de Puebla e Medellín que fez surgir um novo modelo pastoral tendo como foco a opção pelos pobres. A participação efetiva de alguns integrantes da ala progressista junto as comunidades empobrecidas deu-lhes a possibilidade de transformação da sua realidade. Destacou-se nesse trabalho a atuação das dioceses de Juazeiro e Barra com o trabalho dos bispos Dom José Rodrigues e Dom Luis Cappio. Ambos assumiram a opção pelos pobres como lema das suas vidas, ao dedicarem o serviço pastoral na organização comunitária, na construção de um pensamento crítico da realidade para transformação social e na conscientização ecológica em defesa das águas do rio São Francisco.

Palavras-chave: religiosidade, território e identidade

Abstract

This article aims to address the pastoral action in the Semi, from the construction of the dam Sobradinho and the economic, social, and cultural environment that affect coastal communities. Considering the sociopolitical transformations of the Catholic Church, especially from the Second Vatican Council and the Episcopal Conferences of Puebla and Medellín that has conjured up a new pastoral model focusing on the “option for the poor.” Effective participation of some members of the progressive wing next to impoverished communities gave them the possibility of transforming their reality. Stood out in this work the performance of the dioceses of Juazeiro and Barra with the work of bishop Dom

Jose Rodrigues e Dom Luis Cappio. Both took the “option for the poor” as the motto of their lives, to engage in pastoral service community organization in building a critical reality for social transformation and ecological awareness in defense of the river San Francisco.

Keys words: Religiosity, territory, identity

JEL: I3; I31

Introdução

Pensar no Semiárido nordestino é pensar de forma complexa, inter-relacionando as dimensões culturais, sociais, econômicas e políticas. É pensar na diversidade, na pluralidade de signos e sons. É pensar, sobretudo, como homens e mulheres perseveraram na luta constante com a aridez da terra, com a escassez

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano, Bacharel em Turismo ambos pela Universidade Salvador - Unifacs, Membro do Grupo de Pesquisa em Turismo e Meio Ambiente/PPDRU/Unifacs e Membro do Projeto de pesquisa RIO SÃO FRANCISCO: cultura, identidade e desenvolvimento. Este artigo é fruto da dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano do programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano – PPDRU/UNIFACS defendida em junho/2010 com orientação do Prof^º. Dra. Regina Celeste Almeida. Souza E-mail. veraalcantara1@hotmail.com

“ O processo de (des) territorialização marcado por indenizações, doações de títulos de lotes, etc., refletiu na organização das comunidades tradicionais ribeirinhas na tentativa de reafirmar sua identidade, seus valores e suas crenças, tendo como elemento simbólico a... ”

d'água, com o sol escaldante, com a ínfima perspectiva de trabalho, com uma educação precária, saneamento básico mínimo, às vezes inexistentes, que dão condições mínimas de sobrevivência.

É neste cenário que a religiosidade configura-se como instrumento de conforto para minimizar o sofrimento e instrumento de transformação social. A ação das pastorais sociais é um exemplo prático desta religiosidade que se difundiu a partir do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais de Puebla e Medellín que fizeram surgir um novo modelo pastoral tendo como foco a opção pelos pobres.

Religião significa religar-se com o que é Divino e a religiosidade significa a experiência de transformação através do sagrado, encontro com a suprema Espiritualidade, pois é através dela e dá sua prática que se tem a experiência da sua ação concreta. A experiência religiosa seja individual ou coletiva revela o ser humano como protagonista do conhecimento simbólico e da prática social da religião. Ele não apenas está

no universo de fatos, mas, sobretudo no ambiente simbólico. A religião, portanto, é a materialização desses significados que é indissociável a experiência humana e da busca incessante da sua própria existência. É esse sentido, que se conduziu o estudo sobre as águas do rio São Francisco seus significados e simbologias, como elemento vital para as comunidades ribeirinhas que lutaram e lutam por dias melhores e tem a religiosidade como um dos instrumentos para libertação das amarras da injustiça.

Este artigo irá abordar a atuação das dioceses de Juazeiro e Barra com o trabalho dos bispos Dom José Rodrigues e Dom Luis Cappio. Ambos assumiram a opção pelos pobres como lema das suas vidas, ao dedicarem o serviço pastoral na organização comunitária, na construção de um pensamento crítico da realidade para transformação social e na conscientização ecológica em defesa das águas do rio São Francisco.

As águas do rio São Francisco carregadas de significados e simbologias, revelam a sua complexidade através da grandiosidade da sua extensão territorial, pela inter-relação entre os cinco estados brasileiros², ligados pelas suas águas, mas que configuram diferentes vales identitários que refletem a compreensão e importância deste rio não somente para as regiões que são banhadas por suas águas, mas para todo o país. Sobretudo o rio, tem vital importância para as comunidades ribeirinhas que o personificam, o tratam com a intimidade de um ente querido, lhe chamam de Amigo, Pai, Mãe, de Velho, dos Currais; de onde tudo emana, seu trabalho, seu sustento, seu conforto espiritual, espaço sagrado de manifestação da fé. Para as comunidades ribeirinhas, estas águas representam vida, purificação e renovação; são a força, a resistência e a identidade de uma gente que

lutou e luta por dias melhores e tem a religiosidade como um dos instrumentos para libertação das amarras da injustiça.

A construção das barragens, sobretudo a de Sobradinho, foi um divisor de águas para a região sub-médio São Francisco, inundando quatro cidades³, distritos e povoados que caracterizou a desterritorialização cerca de 70 mil pessoas, bem como, uma nova territorialização nos novos municípios que foram criados. A intensa luta pela preservação do rio, as discussões em favor do meio ambiente, em combate ao assoreamento das suas margens, contra a poluição e principalmente em favor do ribeirinho que necessita das águas como provedor do seu trabalho, do seu alimento e da sua fé, revela a importância do rio as comunidades ribeirinhas.

O processo de (des) territorialização marcado por indenizações, doações de títulos de lotes, etc., refletiu na organização das comunidades tradicionais ribeirinhas na tentativa de reafirmar sua identidade, seus valores e suas crenças, tendo como elemento simbólico a religiosidade. Naquele momento, a participação efetiva de D. José Rodrigues, Bispo da diocese de Juazeiro, em favor dos pobres, determinou o processo de organização comunitária através das pastorais sociais, recebendo o apoio irrestrito das Comunidades Eclesiais de Base - CEB's, na Comissão Pastoral da Terra - CPT, no Conselho Pastoral de Pescadores - CPP, diversos movimentos pastorais, ligados a Igreja Católica, o engajamento de religiosos e leigos no entendimento da religião como uma prática diária de oração e ação a partir da construção do pensamento crítico da sua realidade.

É sabido que os impactos causados às cidades, povoados e distritos das áreas inundadas foram imensuráveis, entretanto, foram considera-

² Bahia, Pernambuco, Minas, Sergipe e Alagoas

³ Remanso, Sento Sé, Casa Nova e Pilão Arcado

dos os impactos causados com a construção da barragem de Sobradinho nas cidades de Juazeiro (BA) à jusante 40 km da barragem, bem como, o município de Barra (BA) situado à montante da referida barragem, as comunidades ribeirinhas, que na sua maioria trabalhavam em regime da agricultura familiar orientada vazante do rio, combinando a agricultura de vazante e sequeiro.

A pesca e a navegação, atividades também fundamentais para os ribeirinhos nessa região era intensa, diversos vapores transportavam mercadorias e pessoas, dinamizando a economia dessas localidades. Com o represamento das águas e a mudança na dinâmica do rio, este cenário foi modificado. Assim como em outros momentos da história, os saberes tradicionais deram lugar à modernidade, a incertezas, a novas possibilidades e a um novo enfrentamento da realidade.

Além da drástica mudança da vida cotidiana daqueles que tinham nas águas do rio São Francisco o sustento, o alento para as suas mazelas e a fé como conforto espiritual, teve como desdobramento desta ação governamental, o reflexo direto nas comunidades, por terem sido colocadas a margem do processo de planejamento do projeto, sem muitas alternativas, deixaram para traz seu rio, seus mortos, seu criatório, sua plantação, seu modo de vida. A elas somente foram dadas 03 alternativas, o deslocamento para o projeto de Colonização da Serra do Ramalho, em Bom Jesus da Lapa, distante 600 km de Sobradinho; a "Operação Caatinga", nome dado ao projeto de reassentamento na borda do lago e para os que desejavam deixar a região, a compra de uma passagem, só de ida, para o destino escolhido.

Outro aspecto, considerado, é que além das opções dadas, os ribeirinhos, tiveram que lidar também com outras consequências da construção da barragem, a exemplo da chegada de milhares de pessoas oriundas de todas as partes do Brasil, principalmente de áreas pobres

“
*Neste contexto,
o papel das dioceses
de Juazeiro e Barra
com o trabalho dos
bispos Dom José
Rodrigues e
Dom Luis Cappio
foram fundamentais
ao dedicarem
esforços para o
serviço pastoral...*
”

do Nordeste, em busca do sonho do emprego na construção, aumentaram substancialmente o número daqueles que tinham no rio São Francisco, a referência e o estímulo para a transformação de suas vidas, no entanto, a precarização das condições de trabalho ali oferecidas, transformou-os de operários da construção em novos favelados. Estes, como os ribeirinhos, tiveram na religião o alento para as mazelas e o sofrimento e a angústia do sonho transformado em uma dura realidade.

Neste contexto, o papel das dioceses de Juazeiro e Barra com o trabalho dos bispos Dom José Rodrigues e Dom Luis Cappio foram fundamentais ao dedicarem esforços para o serviço pastoral na organização de um pensamento crítico da realidade para transformação social e na

conscientização ecológica em defesa das águas do rio São Francisco.

A libertação dos pobres e excluídos

A história da Igreja Católica no Brasil remete ao período colonial com a chegada dos Jesuítas na catequização dos índios. Ao longo do tempo diversos acontecimentos determinaram a participação da Igreja na sociedade. Contudo, este estudo irá ater-se as transformações ocorridas a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) e das conferências episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979) que configuram um novo modo pastoral para a Igreja na América Latina e no Caribe, com base na opção pelos pobres e excluídos. Este Concílio abriu espaço para discussões e orientações políticas vinculadas a lutas sociais. Os cristãos e cristãs caminham a um novo tipo de participação consolidados na fé e na prática pastoral. A luta pela libertação, pela transformação social anunciada por Jesus Cristo na promoção de uma sociedade justa, fraterna e solidária tendo como fundamento o respeito a vida das pessoas e da natureza.

As transformações sociopolíticas que ocorreram ao longo dos anos fizeram surgir um novo modelo pastoral que tem como foco a opção pelos pobres, é que surge a Teologia da Libertação⁴ que representava as inovações intelectuais disseminadas pelos teólogos de esquerda ou da ala progressista, ansiosos por uma maior inserção da Igreja Católica nos meios populares e as Comunidades Eclesiais de Base-CEBs⁵.

⁴ Reflexão teológica, que pensa no compromisso político concreto de cristão, em sua situação geopolítica da periferia e em sua situação social de intelectual orgânico, das classes oprimidas ou de participante nos riscos da libertação dessas classes. (DUSSEL, 1981, p.181-2).

⁵ As CEBs são grupos formados por leigos, sob a influência da teologia da Libertação. Idealizado pelo cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Sales. Tem como propósito cristão à luta por justiça social e participação na vida política do país, associadas a movimentos de reivindicação social e a partidos políticos de esquerda. O ex-frade Leonardo Boff é considerado um dos principais teóricos sobre o tema. Segundo dados do Instituto de estudos da Religião (ser)/200, existem cerca de 70 mil núcleos de Comunidades Eclesiásticas de Base no Brasil.

As pastorais sociais configuram a relevância do engajamento em lutas populares e o processo de cidadania nas comunidades, conectando-as com os movimentos populares a exemplo da Comissão Pastoral da Terra (CPT) tem relação direta com o MST; a Pastoral da Saúde com os Conselhos de Saúde; a Pastoral Operária está ligada a luta sindical e à economia Solidária; a Pastoral do Negro trabalha conjuntamente com a luta dos negros/as; a Pastoral da Mulher Marginalizada articula-se com luta das mulheres e se liga à Marcha Mundial das Mulheres; a Pastoral da Criança participa dos conselhos da criança e do adolescente e do Conselho tutelar; a Pastoral da Fé e Política com os Partidos políticos ligados à luta popular.

Dentro desse contexto da opção pelos pobres é que se destacam, no semiárido nordestino, as dioceses de Juazeiro e Barra, nas pessoas de D. Jose Rodrigues e Dom Luis Cappio, respectivamente, que fizeram a opção pelos mais pobres lema das suas vidas. Ao primeiro, foi dada a dura missão de apoiar as comunidades ribeirinhas no período da construção da barragem de Sobradinho; continuou sua missão no processo pós-barragem a reivindicar pela melhoria da qualidade de vida daqueles que tinham no rio a esperança de dias melhores. Ao segundo, coube a missão de lutar em prol das comunidades ribeirinhas e das águas do rio essência da vida de um povo.

A Diocese de Juazeiro, foi criada em 21 de julho de 1962, é formada por 9 municípios, são eles: Casa Nova, Campo Alegre de Lourdes, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho e Uauá. Esse território compreende 14 paróquias, sendo 6 em Juazeiro e 8 no interior, possui 8 pastorais, a saber: pastoral da criança, pastoral da mulher, pastoral da saúde, pastoral da comunicação, pastoral dos pescadores, pastoral da terra, esta última, criada com o objetivo de apoiar os trabalhadores atingidos pela Barra-

gem de Sobradinho, aos posseiros na resistência da terra e aos projetos de irrigação, que começavam a ser implantados na Região.

A Diocese de Barra foi fundada no dia 20 de outubro de 1913. É composta por onze municípios Barra, Buritirama, Ibotirama, Muquem do São Francisco, Oliveira dos Brejinhos, Ipupiara, Brotas de Macaúbas, Gentio do Ouro, Xique-Xique, Itaguaçu da Bahia, Morpará e doze paróquias e oito pastorais (pastoral da família, pastoral da juventude, pastoral da pessoa idosa, pastoral do dizimo, pastoral do menor, pastoral da terra).

As dificuldades que são atribuídas a natureza sobre o Semiárido é um discurso permanente que busca responsabilizar o atraso regional e a condição periférica da região. Este discurso está no imaginário coletivo nacional que estabelece a natureza a parcela pela condenação, sofrimento e pobreza do território. A partir dessa retórica reivindica-se recursos públicos e elaboração de projetos para atender as demandas sociais e políticas que utilizam desse imaginário coletivo a justificativa para seus interesses.

Este cenário foi também reproduzido para diversas intervenções que foram realizadas ao longo das águas do Rio São Francisco, como as construções de barragens ou a implantação de grandes projetos de irrigação. Nessa abordagem, a religião passa a ter um apelo amenizador das dores e sofrimentos daqueles que foram colocados a margem desse processo e foram inevitavelmente impactados, a conviver com as consequências destas ações.

A construção da Barragem de Sobradinho caracteriza-se por seu impacto econômico, mas, sobretudo, o social, o cultural e ambiental que afetou as comunidades ribeirinhas que tinham no rio como a sua fonte de renda, conforme depoimento de Dom Luis Cappio que descreve a tristeza dos ribeirinhos no momento do adeus a seus ancestrais, a igreja, a seu lugar: podia-se ver

“ ... o pessoal ir ao cemitério para dar adeus a seus ancestrais porque a água ia cobrir e nunca mais eles iam poder visitar seus ancestrais. O pessoal ir para as igrejas se despedir da sua igreja, porque a água ia chegar e tomar conta de tudo. (...) ir se despedir da sua casa onde nasceu da rua...”

“o pessoal ir ao cemitério para dar adeus a seus ancestrais porque a água ia cobrir e nunca mais eles iam poder visitar seus ancestrais. O pessoal ir para as igrejas se despedir da sua igreja, porque a água ia chegar e tomar conta de tudo. (...) ir se despedir da sua casa onde nasceu da rua em que viveu, da cidade que morou a vida inteira. O prejuízo humano, social, cultural sem preço”. (BATTISTEL; COMANDAROBIA, 1999, p. 33)

A desterritorialização de milhares de famílias, sem consulta prévia, refletiu numa onda de violência, baixas indenizações, falta de perspectiva de trabalho, sobretudo, numa imposição desenfreada do Estado em nome do milagre econômico; milagre este que a comunidade ribeirinha jamais o viu. Conforme ratifica D. Paulo Cardoso da Silva, Bispo de Petrolina

Houve um processo brutal com a construção da Barragem de Sobradinho que foi o deslocamento de milhares de pessoas dos municípios que foram inundados para o município de Serra do Ramalho. A construção da barragem atraiu milhares de pessoas em busca de tra-

balho e de uma vida melhor, cada um carregando consigo seus valores e suas crenças. No entanto, este processo de migração trouxe também, desesperança, descrença, uma vez que o objetivo não foi alcançado ou se foi não atingiu o nível de satisfação desejada. Nesse sentido, crescia as mazelas, aumento dos bolsões de pobreza. Esse momento favoreceu a proliferação de novas religiões. (SILVA, 2009 p. 14)

Neste processo de desterritorialização, a Igreja Católica, que naquele momento passava pelo Concílio de Vaticano II, viu a oportunidade de por em prática a preferência pelos mais pobres. Aquele período teve como marco a chegada de Dom José Rodrigues, bispo de Juazeiro que desenvolveu ações inovadoras na região com a promoção de uma Igreja mais progressista, através das pastorais sociais e com o apoio das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs e de leigos, vindos de diversas regiões do país

A desestruturação familiar, em decorrência do alcoolismo, foi um dos impactos marcantes para a comunidade ribeirinha que se viu inconformada com a perda de tudo que conseguiu ao longo do tempo.

Quando os pais de família viam a situação de suas casas, a situação em sua família, perdendo seu gado, perdendo tudo o que tinha na vida, que construiu ao longo de tantos anos, o desespero era muito grande. Então o consumo de cachaça era altíssimo, os pais de família viviam embriagados. Então, além do sofrimento da calamidade, a calamidade humana! Pela embriaguez, principalmente pelos pais de família e que era um sofrimento ainda maior para as esposas. Além de sofrer a perda de tudo, a situação das crianças, né, por causa dos perigos que a enchente oferecia, também aturar os maridos bêbados era um tormento. (BATTISTEL; COMANDAROBA, 1999 p. 33)

As Comunidades Eclesiais de Base - CEBs ajudaram a organizar grupos e formação de lideranças que passaram a ter uma interferência no processo político-social da região e

nas lutas de diretrizes populares: na luta da terra, pela água, todo processo de construção de cisternas, a resistência da terra, acompanhamento da realocação das pessoas da Barragem de Sobradinho, dentre outras. Nesse contexto, foram efetivadas as pastorais sociais que influenciaram em uma religião mais crítica do modelo de sociedade, das injustiças e de uma igreja mais distante. Entretanto, esta ala progressista da Igreja sofreu e sofre a partir das demandas dos conservadores ao Vaticano, já conduzidas durante o papado de João Paulo II e fortalecidas no papado de Bento XVI.

O Bispo dos Excluídos: D. José Rodrigues (1975/2005)

Dom Jose Rodrigues, nasceu em 25 de março de 1926, em Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. De família simples e religiosa, seu pai, Joselino Rodrigues de Souza, trabalhador de uma fábrica de manteiga, transportava o leite no lombo de um burro até a fábrica, para ser desnatado, sua mãe, Maria Geralda de Souza, trabalhava como empregada doméstica. Além dele, a família era composta por mais 03 irmãs e 04 irmãos.

A sua trajetória religiosa iniciou-se ainda na infância como coroinha e depois como sacristão da paróquia da cidade de Serra Azul em São Paulo. O contato com os missionários redentoristas, efetivou a sua trajetória religiosa, quando ainda menino, aos dez anos de idade, recebeu o convite de um dos missionários, Pe. Vitor Coelho de Almeida, para ingressar na Ordem⁶. Seguiu para o Seminário Santo Afonso no Estado de São Paulo, onde está situado o

santuário de Nossa Senhora Aparecida, sob os cuidados dos Redentoristas desde 1894.

Após doze anos e meio de estudos, ordenado padre, celebrou sua primeira missa em Cajuru, Estado de São Paulo, seguiu os estudos por mais um ano, quando foi nomeado professor de português no Seminário Santo Afonso, dedicando-se a esta tarefa de 1952 a 1966. No ano seguinte, fez especialização em Catequese e Pastoral, na Europa, com duração de um ano. Ao retornar para o Brasil seguiu para o estado de Goiás para realizar Santas Missões, essência da Ordem Redentorista.

Em 1970, foi eleito Provincial dos Redentoristas em Brasília, ocupando a função por cinco anos. Nesse período, 03 fatos marcantes determinaram sua vida neste período, a compra da Rádio Difusora de Goiânia, possibilitando um importante trabalho de conscientização; a revisão dos trabalhos pelos Redentoristas de todo o mundo que decidiram retomar o objetivo original da ordem que é pregar o evangelho para os pobres e abandonados e a reestruturação das paróquias dos bairros pobres de Goiânia.

Foi nomeado bispo no dia 12 de dezembro de 1974 e sua ordenação foi realizada no dia 09 de fevereiro de 1975. Na semana seguinte seguiu para a diocese a que tinha sido designado, até então, completamente desconhecida. Dois dias após a sua chegada, visitou pela primeira vez o canteiro de obras de Sobradinho, dando início naquela região a sua trajetória de luta em favor dos menos favorecidos. “Eu vinha de uma

⁶ O nome da Ordem vem da palavra em latim “redemptor” e significa Salvador ou redentor, cujo nome oficial é Congregação do Santíssimo Redentor” criada em 1732 por Afonso de Ligório no reino de Nápoles. A predileção pelos pobres, artesãos, soldados decadentes e mendigos fez de Padre Afonso e outros quatro padres a fundarem a “Congregação do Santíssimo Salvador” transformada posteriormente numa Ordem Religiosa reconhecida por Roma. “A Ordem tem como missão religiosa trazer Deus para perto dos homens. (...) indo principalmente para áreas de maior necessidade, onde costuma faltar atendimento, trazendo o evangelho para aqueles que sempre são prejudicados, prioritariamente para os mais pobres”

família pobre, me juntei aos redentoristas, que como lema da sua Ordem tem a “dedicação aos pobres”, eu realizei missões, e finalmente, como ultima gota d’água, encontrei a barragem de Sobradinho”. (PATER, 1996, p. 35). Quando chegou a Sobradinho as obras da barragem já haviam começado, naquele momento, a população ribeirinha encontrava-se preocupada com o seu destino e solicitava orientação

Comecei a visitar cidades e vilarejos que iriam desaparecer debaixo das águas da barragem. Em toda parte ouvi os lamentos das pessoas, que pediam uma ajuda, uma orientação ao novo bispo. O pagamento das indenizações já tinha começado, mas as quantias eram ridículas. A história do povo oprimido de Israel se repetia: “*Os filhos de Israel gemiam sob o fardo da escravidão e suplicavam. Do fundo da sua servidão seus lamentos chegaram a Deus. (Ex. 2,23)* Não hesitei por nenhum momento e fiquei do lado dos oprimidos. (PATER, 1996, p. 35)

D. Jose Rodrigues realizou trabalho pastoral com as comunidades afetadas com a barragem e se defrontou com a dura realidade cotidiana ao realizar suas tarefas pastorais: com os colonos que viviam na área dos projetos de irrigação; com os pequenos proprietários rurais que eram ameaçados pelos grileiros; com as prostitutas que vendiam o corpo para sobreviver; com os jovens sem perspectiva de futuro; com os pescadores que se sentiam ameaçados com a construção da barragem.

Promoveu a criação de Pastorais Sociais (da Terra, da Criança, da Juventude do Meio Popular, da Mulher Marginalizada, da Saúde, dos Pescadores, Carcerária); o Setor Diocesano da Comunicação Audiovisual, com uma Biblioteca com 45.000 volumes, equipamentos de produção de rádio e televisão, jornalismo impresso, uma locadora com 2.000 títulos de vídeos para escolas e professores além de 3 programas de rádio semanais. Foi o criador do projeto Cister-

nas Caseiras (para armazenar água de chuva. (GTN, 2008). Sua atuação pastoral era muitas vezes entendida como uma atuação mais política que religiosa .

O apoio incondicional aos pobres quem tinha como objetivo “ajudá-los a criar uma consciência crítica e ser capaz, por si mesmo, de avaliar pessoas e acontecimentos, descobrir as razões e os motivos de tudo isso que acontece” gerou desconforto a elite de Juazeiro que via na pessoa de D. José Rodrigues uma ameaça aos propósitos de desenvolvimentismo com a construção da barragem. Em contrapartida, D. José tinha na diocese composta por 12 paróquias, 18 padres, 25 freiras, 15 agentes pastorais, 30 agentes leigos, 700 catequistas em um total de 600 comunidades de base, colaboradores voluntários da diocese e de outros países, a exemplo da Alemanha, que juntos formavam uma frente em favor do povo ribeirinho numa posição incondicional contra uma política que desprezava o homem:

Posição incondicional a favor das vítimas de uma política, que despreza o homem – foi essa a decisão conseqüente do Bispo, que precisou decidir-se a respeito da situação que tinha encontrado. E exatamente isso o faz representante de uma Igreja popular e uma esperança para os oprimidos e ao mesmo tempo inimigo daqueles que tiram proveito próprio desses projetos faraônicos. (PATER, 1996, p. 11)

A mobilização em favor dos ribeirinhos colocou-o em meio a situações embaraçosas e a difamações envolvendo a sua imagem, culminando com o arrombamento da sua casa. A cada ação de enfrentamento aos ditames da época e a favor dos ribeirinhos, os ataques aumentavam, teve como marco a publicação de um folheto em favor das eleições em 1982, onde ressaltou o PT como alternativa para os empobrecidos,

Este folheto nasceu da nossa realidade e por isso fala da nossa reali-

dade. Ele define o que é política, descreve a história do Brasil e mostra como foi sempre só uma pequena elite a fazer política. Cada vez que o povo se levanta, foi derrotado. O folheto descreve também os partidos políticos, seu líderes e seus programas. (PATER, 1996, p. 100)

Nesse sentido, a diocese de Juazeiro seguiu o seu trabalho de orientação segundo o documento de Puebla que tem como premissa a obrigação de ajudar o povo a se organizar para que possa viver sua fé e ganhar forças para reivindicar seus direitos. Esta formação cidadã e política permitiram discutir o modelo capitalista que favorece a um pequeno grupo de privilegiados. A posição crítica despertou reações contrárias como relata Dom Jose Rodrigues a sua decisão de ficar ao lado dos pobres ao assumir a diocese de Juazeiro em 1975.

Quando assumi a diocese de Juazeiro no ano de 1975, coloquei-me logo, decididamente, ao lado dos pobres, ao lado das pessoas desesperadas, que face à construção da barragem de Sobradinho, não sabiam como enfrentar seus problemas de sobrevivência. Em determinado momento as pessoas chegaram a acreditar que o bispo poderia solucionar todos os problemas delas. O povo brasileiro, principalmente no Nordeste, sempre teve uma queda para colocar seu destino na mão de alguma liderança. Mas eu me recusei de propósito a solucionar problemas individuais. Assim cresceu a consciência no povo que ele só consegue alguma coisa se organizando em comunidades. Eles reconheceram que só eles mesmos são responsáveis pela solução dos seus próprios problemas. Eu só posso, juntamente com os padres, as irmãs e os agentes pastorais, colaborar na luta ao lado deles. Nós ajudamos onde for preciso, trazendo informações e a luz do evangelho para suas moradas. Estou convencido que nós religiosos – se nosso objetivo é a libertação dos dependentes - temos de levar as pessoas a assumirem seu próprio destino e torná-las, assim, agentes da própria história. (PATER, 1996 p. 112/113)

Como afirma Dom José Rodrigues a opção de trabalhar, “Não para o povo e sim com o povo, temos de trabalhar” (PATER, 1996 p. 113) conforme mostra o relato descrito a seguir, que o trabalho segue 03 passos: a doação de dinheiro, o estímulo a disposição e capacidade das pessoas e a ajuda para a organização:

Já que nossa região é extremamente pobre, nos damos dinheiro para a alimentação, remédios, material escolar, passagens, reconstrução de casas, etc. esses donativos tornam a pessoa que as recebe um objeto passivo, para o qual nós fazemos algo. Assim chegamos ao segundo passo; reconhecemos que só donativos não resolvem o problema. Reconhecemos a necessidade de um apoio duradouro. Tentamos então estimular as disposições e capacidades das pessoas. Daí o lema: “Não dar o peixe e sim a vara de pescar; não dar o alimento e sim a enxada.” Colocamos ferramentas à disposição para que as pessoas possam trabalhar e se sustentar sozinhas. Mas tivemos de constatar que ainda não é suficiente estimular o pobre. O que adianta a vara ou a rede para o pescador se a indústria pesqueira assume o lago de Sobradinho? O que adianta dar enxadas aos lavradores, se existem no Brasil doze milhões de lavradores sem acesso à terra? Por conseguinte, demos o terceiro passo. Nós os ajudamos a se organizarem, para que eles possam se libertar de tudo que os oprime e explora. Eles devem se tornar sujeito e não objeto.

(PATER, 1996 p. 114)

De fato, o trabalho consistia na construção de uma conscientização crítica que possibilitasse avaliar pessoas e acontecimentos, entender as razões dos acontecimentos. A formação possibilitou entender que a pobreza da região, do Brasil, na América Latina e no Terceiro Mundo, não surgiu espontaneamente. Conforme descrito pelo Papa João Paulo II, na Conferência de Puebla “essa extrema pobreza foi causada por um sistema político-econômico, que faz os ricos ficarem cada vez mais ricos às custas dos pobres, que

ficam cada vez mais pobres”. (PATER, 1996 p. 91). O documento de Puebla que sintetizava a conferência recomendava que é importante o povo se organizar, para que ele possa viver seu credo e reclamar seus direitos.

Este trabalho de conscientização das comunidades gerou um embate com as forças políticas locais e nacionais que via nesta ação pastoral uma ameaça, uma vez, que a organização comunitária permitia o entendimento da realidade. “Quando os opressores notam que estão perdendo sua influência, quando, por exemplo, as pessoas nas eleições não querem mais seguir o voto de cabresto. Eles reagem com violência. Nesse contexto, nós temos de ver também as calúnias, perseguições e ameaças de morte feitas a mim e a meus colaboradores”. (PATER, 1996 p. 115).

Após a construção da barragem, Dom José Rodrigues, continuou o seu trabalho pastoral de organização comunitária estando à frente de diversos movimentos contra a implementação de vários projetos agro-industriais e de construção de barragens na região que evidenciavam a exploração compulsória dos empobrecidos, seja nas condições exploratórias de trabalho, seja a poluição das águas do rio através do uso de pesticidas e herbicidas, seja pelo deslocamento compulsório das suas terras, seja pelo enfrentamento a uma nova realidade que não lhes permitia muitas vezes sobreviver com dignidade. Este enfrentamento gerou sucessivas situações difamatórias envolvendo a pessoa do bispo e daqueles que o apoiavam diretamente.

Durante trinta anos Dom José Rodrigues, dedicou serviços aos excluídos da diocese de Juazeiro, Em 04/06/2003, foi oficialmente desligado das funções administrativas do cargo. Hoje aos 84 anos, reside em Goiânia no município de Trindade, no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno administrado pelos Missionários Redentoristas que cuidam do Santuário Velho onde anunciam o

Evangelho para os fiéis, atendem confissões e realizam batizados.

Dom Luis Cappio a voz do Rio São Francisco (1975 aos dias atuais)

Dom Luis Cappio utilizando a força da religiosidade e do poder da Igreja Católica sintetiza o papel de resistência tornando-se símbolo da preservação socioambiental, do embate contra a institucionalização política e dos interesses privados. “O rio é o eixo, o centro, a artéria da vida do povo. Passei a me sentir visceralmente integrado a esse povo e a esse rio, numa missão franciscana, espiritual e ecológica”. (VIAN, 2008 p. 07)

Nascido em Guaratinguetá, em 04 de outubro de 1946, dia de São Francisco, ainda frade militou na Pastoral Operária em São Paulo. Seguiu para o Semiárido, em 1974, em peregrinação, só com a roupa do corpo e sandálias nos pés, em busca de conforto espiritual e a serviço dos mais pobres. Anos mais tarde, ordenou-se bispo e assumiu a diocese do município de Barra.

Tendo como modelo São Francisco de Assis no seguimento de Jesus e o fato de ter nascido no dia em que a Igreja Católica celebra este santo, motivos que o fizeram viver às margens do rio São Francisco. Desde então, tem realizado trabalhos de evangelização em favor das suas águas. Entre os anos de 1992 e 1993, realizou uma peregrinação da nascente até a foz do Rio São Francisco.

A importância do diálogo com as populações surgiu com a idéia da peregrinação. E a idéia principal foi fazer o rio todo, a preparação da peregrinação durou dois anos. Ela iniciou no dia 04 de outubro de 1992, saímos da nascente, visitamos 400 comunidades em 100 municípios e este trajeto foi feito de barco, caminhão, ônibus e a pé. (CAPPIO, 2009 p. 13)

Esta experiência caracterizou-se numa missão ecológica e religiosa. A religiosidade foi instrumento de evangelização ambiental como for-

“ O segundo momento, aconteceu no município de Sobradinho, Bahia, em resposta a retomada do projeto de transposição em 2007 pelo governo federal. ”

ma de conscientizar a população sobre a necessidade de preservação do Rio São Francisco. “o rio é muito mais do que um acidente geográfico, gera vida para milhões de pessoas, é responsável pela vida de milhões de pessoas. O rio e os seus afluentes (a bacia) são geradores de vida.” (CAPPPIO, 2009 p. 13). Naquele momento, defrontou-se com a degradação ambiental e social do rio, com a dificuldade dos ribeirinhos que tinham no rio a fonte de sua sobrevivência, pela pesca, pela navegação e pelo assoreamento do rio em consequência do desmatamento, a poluição urbana, a irrigação, as barragens e hidrelétricas que impedem os ciclos naturais do rio.

A personificação das águas do Rio São Francisco e a sacralidade das suas águas são vistas por Dom Luis como:

“Descobri que o rio é o pai e a mãe do povo, bebe, pesca, molha a terra, é quem determina a condição de vida dos ribeirinhos. Essa relação afetiva do povo com o rio de manhã cedo quando as mulheres vão pegar água elas se lavam - num ato sagrado para pedir proteção do rio, os pescadores rezam “O rio é um ente, algo que diz respeito à vida deles”. (CAPPPIO, ED/2009 p. 13)

A sua missão evangelizadora teve visibilidade mundial, quando nos anos de 2005 e 2007 realizou duas greves de fome, denominado por ele de jejum⁷, em protesto ao projeto do governo federal de transposição do Rio São Francisco. O primei-

ro momento, aconteceu na cidade de Cabrobó, estado de Pernambuco. A ação tinha como propósito protestar em favor da revitalização⁸ do rio e contra o projeto de transposição⁹ do Rio. Esta manifestação ganhou o apoio de diversas organizações e movimentos sociais. O jejum foi interrompido após negociação onde foi selado acordo que garantia a paralização da transposição. Contudo, caso o acordo não fosse cumprido, o protesto seria retomado.

O segundo momento, aconteceu no município de Sobradinho, Bahia, em resposta a retomada do projeto de transposição em 2007 pelo governo federal.

Escolhi Sobradinho como palco do meu segundo jejum e oração, pelo modo autoritário como foi construída a barragem que passou a ser o coração artificial do rio São Francisco. Expulsaram 72 mil ribeirinhos e destruíram áreas férteis. A transposição segue a mesma lógica e modelo de Sobradinho. E por aí vão todos os grandes projetos nacionais atualmente em pauta, pela concessão de florestas e de águas para empresas privadas. Assim, vão sendo entregues nossas riquezas à exploração capitalista global, com desprezo aos grandes desafios ecológicos que ameaçam a vida do planeta e a própria espécie humana. (MOREIRA, 2008 p. 20)

Naquele momento, uniram-se a ele diversos movimentos sociais contrários à transposição, além de diversas representações da sociedade civil e organizada a exemplo das diversas entidades da sociedade, como o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, Serviço Paz e Justiça na América Latina – SERPAJ - AL e da Igreja Católico no Brasil, como as pastorais sociais e a cúpula da CNBB, entidades ecumênicas como o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC e movimentos sociais como o MST, Comissão Pastoral da Terra – CPT, Movimento de Pequenos Agricultores - MPA, Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB, Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA, dentre outros.

Os movimentos sociais trabalhavam para articular a infraestrutura básica em torno do gesto do freij, como cuidar da segurança do espaço, disponibilizar barracas para receber as romarias e os diversos apoios que foram se multiplicando dentro e fora do país. A fragilidade da sua saúde o fez findar o jejum após um mês de duração.

Mesmo sendo uma prática comum no mundo religioso, em religiões cristãs ou não, a sua ação repercutiu negativamente ao utilizar a expressão “greve de fome”. “Não

⁷ Abstinência ou abstenção total ou parcial de alimentação em determinados dias, por penitência ou prescrição religiosa ou médica.

⁸ O Projeto de Integração do Rio São Francisco com as Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional - PISF prevê duas captações (Eixo Norte e Eixo Leste) no rio São Francisco, localizadas a jusante da barragem da UHE Sobradinho, com o objetivo de complementar a oferta hídrica local de bacias situadas nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, para atendimento a demandas hídricas de múltiplos usos da água. A captação do Eixo Norte está prevista para ser implantada no Município de Cabrobó (PE), na calha do rio São Francisco, enquanto a captação do Eixo Leste, no Município de Floresta (PE), no reservatório da UHE Itaparica. (MIN, 2009)

⁹ Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (PRSF) é coordenado pela Secretaria- Executiva do Ministério do Meio Ambiente, em parceria com o Ministério da Integração Nacional. Com prazo de execução de 20 anos, suas ações estão inseridas no Programa de revitalização de bacias hidrográficas com vulnerabilidade ambiental do Plano Plurianual (PPA 2004/2007) e será complementado por outras ações previstas em vários programas federais do PPA. As ações de revitalização são executadas de acordo com a Política Nacional de Meio Ambiente – Lei nº. 6.938/81, Política Nacional de Recursos Hídricos – Lei nº. 9.433/97 e a Política Nacional de Saneamento – Lei nº. 11.445/07. (MIN, 2009)

gosto da expressão, mas tive que a usar para mexer com a opinião pública”. Gesto que expõe sua própria vida como ele declarou “Quando a razão se extingue a loucura é o caminho” (..) “Meu jejum e oração não é mera greve de fome, não sou suicida nem adepto da eutanásia, mas a vida do rio e de todo o sertão nordestino vale meu sacrifício, se tiver que consumá-lo (CAPPIO, 2009 p. 14).

Este fato gerou discussões dentro da Igreja Católica que tem como princípio a defesa da dignidade humana e da plenitude da vida em todos os seus aspectos. A ala conservadora da Igreja, incluindo o Papa Bento XVI, tentou de diversas formas coibir a ação. Em resposta, ao apelo da Igreja D. Luis fundamentou-se na Carta de São João capítulo 10 versículo 10

“Estou te dizendo que eu, você, e todos os humanos precisamos de Jesus Cristo para nos guiar e ser o nosso Salvador, porque só **Ele veio da parte de Deus para nos dar vida e vida feliz com abundância**”. (BÍBLIA..., 1990, p. 1307).

Este enfrentamento demarcou o embate entre o governo federal e D. Luis. Este fato foi minimizado pela mídia, mesmo assim, vários protestos tomaram corpo em todo o país e vários grupos aderiram ao jejum e a oração em solidariedade.

Simbolicamente, D. Luis configurou-se na representação do poder religioso, em país institucionalmente laico, e que mesmo não tendo conseguido impedir o processo de transposição do Rio São Francisco, revelou para o mundo através das duas greves de fome e do trabalho diário em favor das águas deste rio e dos ribeirinhos, o poder da religião no embate político, econômico consolidado na discussão contra a transposição e em favor a revitalização. A religiosidade passou a ser instrumento catequético em defesa do rio, através dela, os ribeirinhos passaram a compreender a importância da preservação ambiental e da mobilização social que deram legitimidade ao trabalho realizado por ele.

Considerar sua atitude, insana ou louvável não está em questão e sim o fato da mobilização através da religiosidade no Vale Sanfranciscano em favor do rio. A discussão da transposição ou revitalização revela a dimensão político, econômica, social e religiosa com grandes interesses subjacentes, seja pelo governo federal ou de Dom Luis e sua representatividade enquanto igreja, e que não chegam ao alcance da população, muito menos dos ribeirinhos, agentes diretamente impactados.

Conclusão

A ação pastoral aqui representada pelos bispos Dom José Rodrigues e Dom Luis Cappio demonstram a importância da religiosidade como instrumento transformador dessas comunidades empobrecidas seja no passado, seja no presente na busca incessante da melhoria de vida e de libertação das amarras da injustiça imposta pela dura realidade.

A religiosidade promoveu uma capacidade de acreditar e de ter esperança através da organização das comunidades, da formação de pastorais sociais que deram suporte seja para o fortalecimento espiritual, seja para a construção de uma consciência crítica da realidade, bem como, a construção de uma conscientização ecológica em defesa das águas do rio São Francisco..

Estes exemplos de organização comunitária nestes municípios através das dioceses e do trabalho dos seus dirigentes demonstram que com a participação comunitária pode transformar a vida dessas comunidades, muito embora, não tenha conseguido impedir a construção da barragem de sobradinho, de receber indenizações pela desterritorialização das suas terras, até hoje reivindicada, pelo Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB e de até mesmo não impedir a transposição do Rio São Francisco, mas pode fortalecer o espírito de comunhão, de luta e resistência dessa gente forte,

Referências

BATTISTEL, Arlindo Itacir; COMANDARROBA, Joana – **Barra um retrato do Brasil**. Edições EST, Porto Alegre, 1999.

BÍBLIA SAGRADA - Edição Pastoral. Editora Paulus. São Paulo, 1990.

CAPPIO, Dom Luis. **Relatório de Viagem 2 Barra/Xique-Xique**. Entrevista concedida a Veralucia Alcantara. Barra. janeiro/2009.

GTN. Grupo Tortura Nunca Mais - disponível em www.gtnjuridico@alternex.com.br acesso em 20/04/2010.

PATER, Siegfried. **O Bispo dos Excluídos: Dom José Rodrigues**. Copyright. Fundação Aloysio Penna – Editora Fonte Viva, 1996.

MINISTERIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Projeto de Integração do Rio São Francisco com as Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional – PISF**. Disponível em <http://www.integracao.gov.br/>. Acesso em: 25 ago.2009

_____. **Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (PRSF)** Disponível em <http://www.integracao.gov.br/>. Acesso em: 25 ago.2009

MOREIRA, Gilvander Luís (Org.) **Dom Cappio: rio e povo**. Centro de Estudos Bíblicos. São Leopoldo – RS, 2008.

SILVA, D. Paulo Cardoso da. **Relatório de Viagem 2 a Juazeiro/Petrolina**, Entrevista concedida a Veralucia Alcantara Petrolina. Maio/2009.

VIAN, Dom Itamar. **Uma vida pela vida: o jejum de Dom Frei Luiz Flávio Cappio, OFM em defesa do Rio São Francisco e de seu povo** – Porto Alegre, ESTEF, 2008